

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
- PLAGEDER

RUDSON LUÍS DA ROSA LUZ

SEGUIR OU NÃO NA ATIVIDADE AGRÍCOLA?
UM OLHAR SOBRE AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS
RURAIS DE QUARAÍ-RS

Quaraí (RS)
2011

RUDSON LUÍS DA ROSA LUZ

**SEGUIR OU NÃO NA ATIVIDADE AGRÍCOLA?
UM OLHAR SOBRE AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS DE QUARAÍ-RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Antonio Conterato

Coorientadora: Tutora Monique Medeiros

**Quaraí, RS
2011**

RUDSON LUÍS DA ROSA LUZ

**SEGUIR OU NÃO NA ATIVIDADE AGRÍCOLA?
UM OLHAR SOBRE AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS DE QUARAÍ-RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof. Dr. Marcelo Antonio Conterato
Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Leonardo Alvim Beroldt da Silva
UFRGS

MSc. Márcio Zamboni Neske
UFRGS

Quaraí, RS, Brasil, _____ de _____ de 2011.

RESUMO

O presente estudo aborda a perspectiva dos jovens rurais de Quaraí de continuar ou não residindo no meio rural e exercendo atividades agropecuárias. Esta temática justifica ser pesquisada devido ao grande número de pessoas, especialmente os mais jovens, que migram do campo para a cidade, sendo as mulheres as que migram em maior proporção, acarretando assim no processo de masculinização no campo. Dessa forma, o principal objetivo do estudo é analisar as perspectivas que os jovens rurais do município de Quaraí/RS, possuem quanto à sua manutenção e às suas atividades de trabalho no campo. Como objetivos secundários, busca-se identificar os fatores sociais e econômicos que estão relacionados à perspectiva dos jovens de não quererem se manter no campo e; verificar se o núcleo familiar apoia o jovem a permanecer no campo. Para tanto, foram entrevistados individualmente dez jovens rurais ocupados em atividades agrícolas, utilizando um questionário e entrevista semi-estruturada - englobando questões abertas e fechadas. Constatou-se que do total de jovens entrevistados, 40% tem a perspectiva de continuar no meio rural e conseqüentemente seguir na ocupação agrícola, por gostarem do meio e das atividades do campo. No entanto, 60% acredita que terá melhores oportunidades de vida se migrar para a cidade, e assim, não pretendem permanecer no exercício de atividades agrícolas. Esses jovens acreditam na possibilidade de emprego na cidade. Um fator de grande importância para a permanência ou não no campo está relacionado ao incentivo do núcleo familiar, pois a maioria dos jovens recebe estímulo para migrar, visto que os pais apoiam a continuidade dos estudos e visualizam que ao migrarem seus filhos terão melhores condições e oportunidades na vida. Diante disso, as implicações que o êxodo de jovens rurais acarreta é a acentuação da falta de mão de obra no campo, como também uma preocupação em relação a constituição de famílias, masculinização e envelhecimento no meio rural do Município em estudo.

Palavras - chave: Juventude; Êxodo rural; Masculinização do espaço rural Quaraí

ABSTRACT

This study addresses the perspective of young rural Quaraí whether to continue living in the rural agricultural activities and exercising. This issue warrants to search due to the large number of people, especially young people, who migrate from rural to urban, and women are migrating in greater proportion, thus bringing the process of masculinization in the field. Thus, the main objective of the study is to analyze the perspectives that young rural municipality of Quaraí / RS, have as their maintenance and their work activities in the field. As secondary objectives, seeks to identify the social and economic factors that are related to the perspective of young people to want to stay on the field and, verify that the nuclear family supports young people to stay on the field. To this end, ten young people were interviewed individually engaged in rural agriculture, using a questionnaire and semi-structured interview - comprising open and closed questions. It was found that the total number of youth interviewed, 40% have the prospect of continuing in rural areas and consequently follow in agricultural occupation, because they like the environment and the activities of the field. However, 60% believe they will have better opportunities to migrate to the city, and thus does not intend to stay in the exercise of agricultural activities. These young people believe in the possibility of employment in the city. A factor of great importance to stay or not in the field is related to the encouragement of the family, because most young people receive encouragement to migrate, since the parents support the continuation of studies and shown to migrate to their children will be better and opportunities in life. Therefore, the implications of the exodus of rural youth carries the accent is the lack of manpower in the field, but also a concern about the formation of families, masculinization and aging in rural areas of the city under study.

Keywords: Youth, Rural exodus, Masculinization of rural Quaraí

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 -	Localização geográfica do município de Quaraí	10
-------------	---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 -	Distribuição da idade dos entrevistados	23
GRÁFICO 02 -	Distribuição das atividades realizadas nos momentos de lazer	26
GRÁFICO 03 -	Perspectivas dos jovens de seguirem no meio rural	27
GRÁFICO 04 -	Possibilidades dos jovens seguirem na ocupação agrícola	27
GRÁFICO 05 -	Fatores que na opinião dos pesquisados, faltam no meio rural para fazer com que o jovem permaneça neste espaço.....	30
GRÁFICO 06 -	O que levaria os jovens a permanecerem no campo.....	32

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Vantagens e desvantagens de ser trabalhador e residir no meio rural	34
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
1.1 Agricultura familiar	14
1.2 Juventude rural	17
2 METODOLOGIA	21
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
3.1 Caracterização dos jovens entrevistados	23
3.2 Perspectivas quanto a manutenção e trabalho no meio rural	26
4 CONCLUSÕES	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
APÊNDICE A- Roteiro do questionário aplicado aos jovens rurais	42
APÊNDICE B- Roteiro da entrevista aplicada aos jovens rurais	44

INTRODUÇÃO

Para falar de um tema que envolve o meio rural do município de Quaraí, localizado na região Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul é necessário resgatar um entendimento que envolva o processo de desenvolvimento rural na região e conseqüentemente no município. Para isso devemos voltar nossos olhares ao que relata nossa história, ou seja, parte da história do desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul.

A região foi povoada pelo Império Português, sendo que por volta de 1814 para evitar as ações uruguaias, ocorreu a distribuição das sesmarias, cuja área era de aproximadamente 13.000 hectares cada, concedida exclusivamente para a criação de gado, com a finalidade de dar uma utilização a estas terras, bem como de povoá-las (SIMÕES, 2009).

Esta forma de distribuir a terra deu origem a grandes latifúndios ligados exclusivamente a pecuária de corte. O gado criado na metade sul era destinado às charqueadas, que por sua vez mandava o charque para os grandes centros produtores de café, portanto, era um produto destinado aos consumidores de baixa renda ou para alimentar os escravos. Sendo assim, a economia gaúcha girava somente no entorno das charqueadas.

No município de Quaraí, a pecuária extensiva (mais de 140 estabelecimentos com área superior a 500 hectares) (IBGE, 2009) e a lavoura de arroz, predominam como principais atividades econômicas. Existe também pequenos e médios minifúndios de origem familiar, desestruturados e carentes de projetos que englobam as questões sociais, culturais, produtivas, e econômicas, e incentivos de políticas públicas.

O município (visualizado na Figura 1 abaixo) está inserido no Bioma Pampa, que só pode ser encontrado no Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Especificamente no Rio Grande do Sul, ocupa 62,2% do território, onde durante por muito tempo o Pampa foi destinado à produção agropecuária e teve sua biodiversidade subestimada, sendo hoje reconhecido por possuir uma diversidade de espécies raras, tanto na flora, quanto na fauna, apesar da descaracterização que o homem constantemente está propondo (BOLDRINI, et al. 2010).

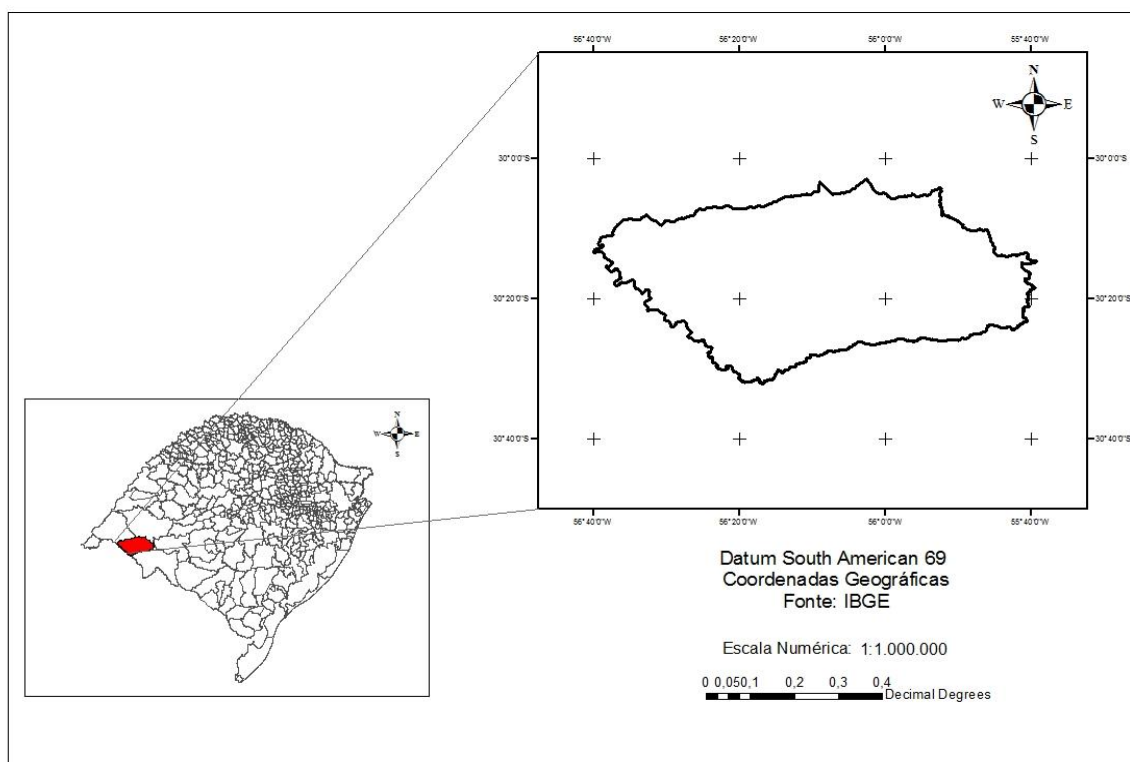


Figura 01 – Localização geográfica do município de Quaraí

Fonte: IBGE (2011), adaptação realizada pelo autor.

De acordo com o IBGE (2009), Quaraí possui um rebanho bovino de 248.072 cabeças, estando entre os municípios com maior quantidade, e um rebanho ovino de 190.744 cabeças, que também é significativo no estado, sendo o sétimo no contexto nacional. Engloba mais de 800 estabelecimentos com bovinos e mais de 500 estabelecimentos com ovinos, desta forma como já foi mencionado, estas atividades são consideradas o eixo da economia do município, além evidentemente da lavoura de arroz que possui uma área de cultivo de 12.580 hectares (IBGE, 2009).

Do ponto de vista de perfil de produtor, observa-se além dos latifúndios uma presença importante da pecuária familiar que segundo a EMATER/RS (2011), o pecuarista familiar é aquele produtor que tem como principal fonte de renda a criação de bovinos de corte/ovinos, ou que tenha estas atividades ocupando a maior parte da área da sua propriedade e que atenda cumulativamente os seguintes critérios: resida na propriedade rural ou em aglomerado urbano próximo; tenha no mínimo 80% da renda gerada na atividade agropecuária; use mão-de-obra familiar

predominantemente e utilize apenas eventualmente o trabalho assalariado; tenha renda bruta anual não superior a R\$ 40.000,00; seja proprietário ou arrendatário de estabelecimento com área não superior a 300 ha.

O município de Quaraí é condicionado pelo agronegócio, o que confere ao mesmo um *status* de município agropecuário, e que tem uma expressiva representação para a comunidade, cabendo ressaltar que a Revolução Verde¹, também inspirou um avanço tecnológico. Em contraponto, através destes “pacotes inovadores” aprimorou-se a degradação ambiental e cultural dos produtores tradicionais, pois os resultados da modernização foram díspares. A não adesão generalizada ao modelo tecnológico e o não desaparecimento da agricultura do tipo familiar, passaram a serem objetos de pesquisa nos principais institutos de desenvolvimento e universidades, em nível mundial (ANDREATTA, 2009).

É visto que hoje as propriedades que carecem de mão de obra contratada, possuem grande dificuldade para encontrar trabalhadores dispostos a executarem atividades profissionais agropecuárias, pois, cada vez mais esta mão de obra encontra-se escassa, uma vez que o perfil dos trabalhadores nos últimos anos mudou. Observa-se que as pessoas que migram em busca de conforto e melhores condições de vida, se não alcançam suas metas de conquista de trabalho ou dessas melhorias de vida na cidade, acabam por retornar às atividades rurais.

Segundo os dados do último Censo do IBGE (2009), Quaraí tem uma população total de 23021 habitantes, sendo 21310 habitantes do meio urbano e somente 1711 são habitantes do meio rural. É importante destacar que existem trabalhadores rurais que moram na cidade, mas que vão ao campo só para trabalhar. Ressalta-se que o agricultor proprietário é aquele que possui os meios de produção (terra, capital e mão e obra) e trabalhador rural é a pessoa que vende força de trabalho.

Como já comentado, a escassez de mão de obra que o meio rural vem enfrentando é preocupante, ainda mais quando se pensa no futuro, uma vez que os jovens, mesmo possuindo raízes culturais rurais, não querem trabalhar no campo, já que visualizam sua ida para os grandes centros como meio para maior contato com

¹ Revolução Verde refere-se a um amplo programa idealizado para aumentar a produção agrícola no mundo por meio do 'melhoramento genético' de sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do custo de manejo (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_verde>. Acesso em: 20 maio 2011.)

a tecnologia e conforto, desta maneira acabam por desvalorizar a importância cultural e social que do campo. Desta forma, o êxodo pode ser entendido tanto como causa quanto como consequência.

A presença da mão de obra rural é um ponto chave para o desenvolvimento e manutenção do sistema produtivo primário, bem como para a realidade social de Quaraí. É compreensível que os aspectos “qualificação e valorização” são vitais para fazer com que o jovem permaneça no campo trabalhando.

À luz dessa problemática, a questão que norteia essa pesquisa é: quais são as perspectivas que os jovens rurais do município de Quaraí/RS, possuem quanto à sua manutenção e às suas atividades de trabalho no campo?

Sendo assim, esta pesquisa justificativa-se, principalmente, por dois motivos: o primeiro relacionado ao fato de que hoje o meio rural vem passando por um esvaziamento demográfico acentuado, principalmente de jovens que deixam o campo para morar nas cidades. Segundo o IBGE (2000), há 34.081.330 jovens com 15 a 24 anos de idade no Brasil, mas apenas 18% deles residem no meio rural. No município de Quaraí a população total de jovens (15 a 24 anos) é equivalente a 4745 pessoas. Especificamente no meio urbano, são 4467 jovens (correspondente a 1781 homens e 2686 mulheres), e no meio rural 278 jovens (sendo 163 homens e 115 mulheres) (IBGE, 2010).

E, o segundo motivo é de cunho pessoal, pois carrego comigo, enquanto profissional técnico da área rural, uma grande preocupação sobre a escassez de mão de obra no meio rural, sendo esta uma consequência do êxodo rural (especialmente de jovens). Acompanhei a situação de muitos jovens que enquanto crianças permaneciam no campo, mas à medida que vão se tornando adolescentes visualizam a cidade como uma meta de vida. Como já mencionado anteriormente, mesmo que com raízes culturais de campo, a cidade continua se apresentando para os jovens rurais como a melhor opção de vida.

De forma empírica é possível sentir que a falta de mão de obra no campo é um problema, pois em qualquer contato informal com produtores rurais que requerem mão de obra, todos manifestam a mesma posição, a de que está cada vez mais difícil contratar um colaborador para trabalhar no campo.

Diante disso, surge o seguinte objetivo geral desta pesquisa: analisar as perspectivas dos jovens rurais do município de Quaraí/RS, quanto a sua permanência e suas atividades de trabalho no campo.

A fim de operacionalizar tal objetivo, foram criados os seguintes objetivos específicos:

- Estabelecer o perfil dos jovens quanto à idade, sexo, escolaridade.
- Identificar as possibilidades de trabalho e permanência dos jovens no campo.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica usada como suporte para a elaboração da pesquisa está dividida em dois subcapítulos. No primeiro, apresenta-se uma exposição conceitual sobre agricultura familiar, pelo fato dos jovens entrevistados serem filhos de agricultores familiares. No segundo, são referenciados dados, conceitos e problemáticas através dos principais autores que abordam a questão da juventude rural, foco deste estudo.

1.1 Agricultura familiar

Os dados do último censo afirmam que a população rural está cada vez menos expressiva no município de Quaraí. A população total de 23.031 habitantes é referente a 92,5% de habitantes urbanos e 7,5% rurais (IBGE, 2009).

Em estudo realizado pelo Dieese (2009), o Produto Interno Bruto (PIB) do município de Quaraí é composto pelo setor de serviços, que se responsabiliza por 61,9%, seguido pelo setor agropecuário com 30,93% e com menor participação a indústria com 7,16%. Dentro desta ótica a agropecuária gera aproximadamente 470 empregos formais (dos 2200 totais do município), responsabilizando por 21,3% deste total. Ainda dentro deste contexto, 90% dos trabalhadores são homens, restando somente 10% pela ocupação de mulheres.

O número total dos estabelecimentos agropecuários no município de Quaraí chega a 900, deste total 11% são de propriedade de mulheres e o restante de homens. As propriedades que possuem área superior a 500 hectares (aproximadamente 140) são aquelas que carecem de mão de obra contratada (IBGE, 2009), por apresentarem maiores estruturas fundiárias, necessitando assim de um maior número de trabalhadores rurais.

O Brasil sob a condução dos governos militares implementou um conjunto de programas para as regiões mais pobres. Em tal contexto, a transformação social e econômica - e a melhoria do bem estar das populações rurais mais pobres - foi

entendida como o resultado "natural" do processo de mudança produtiva na agricultura (NAVARRO, 2001). Porém este processo não foi somente positivo, Silva (1990) comenta que o progresso técnico no campo gerou atualmente uma maior dependência da indústria, pois esta modernização deu-se em função da mudança dos princípios de produção, impactando assim na remuneração da mão de obra.

Mesmo com tal problemática, com o passar do tempo, houve algum conhecimento e adaptação das novas tecnologias do padrão tecnológico por uma parcela dessa população mais pobre, o que proporcionou a construção de variadas estratégias de desenvolvimento rural por estas populações nessas regiões. Ainda assim, muitas propriedades tiveram dificuldade em se manter e se reproduzir, pois com a redução do crédito, muitas famílias desistiram do trabalho rural. Desta maneira as grandes propriedades incorporaram as pequenas, fruto, portanto da não sobrevivência da agricultura familiar no meio rural (SPANVELLO, 2003).

A introdução da globalização apesar de talvez ainda estar pouco clara para o meio rural, tem mais saliência nos apores tecnológicos e principalmente na comunicação, onde esta, têm direcionado as mudanças no meio rural e sobre os jovens (VELA, 2001).

Spanevello (2003) ressalta que com o avanço da globalização os jovens rurais passaram a perceber que o mundo está mais evoluído e que o meio rural também contará com um avanço tecnológico natural. Assim, muitos destes fatores geram nos jovens rurais um sentimento de exclusão e empobrecimento. Nesse contexto é que começa a ficar claro, a necessidade do jovem ter um conhecimento mais intenso, que em contraponto aos seus baixos índices de escolaridade, é que vão para as cidades.

Conforme o Censo Agropecuário 2006 (IBGE, 2009), de um total de 5.175.489 estabelecimentos, 4.367.902 são estabelecimentos de agricultura familiar (representando 84,4% do total), sendo que estes ocupam 24,3% da área dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. No Rio Grande do Sul, 85,7% das propriedades agropecuárias são consideradas familiares. E em Quaraí 70,4% do total são propriedades familiares.

A agricultura familiar no Brasil obtém visibilidade social e política na década de 1990, com o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, onde este programa de políticas públicas específicas para os agricultores familiares tem o objetivo de organizar um padrão de desenvolvimento sustentável

para as propriedades rurais, buscando assim o aumento da produção diversificada, empregos e renda, melhorando a qualidade de vida e o bem estar dos agricultores e suas famílias. O PRONAF também conquistou com que o agricultor familiar fosse reconhecido socialmente.

A definição do termo agricultura familiar, se torna um pouco complicado por haver grande diversidade social e econômica entre agricultores familiares. Abramovay (1998) assume ser difícil a determinação exata para a agricultura familiar, o autor considera três elementos básicos para a caracterização: gestão, propriedade e trabalho familiar. A definição para o autor se resume nas seguintes palavras “a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho é proveniente de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento [...]” (ABRAMOVAY, 1997, p. 3, apud SCHNEIDER, 2003, p. 41).

A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) determina a agricultura familiar considerando três características: a gerência da propriedade rural é feita pela família, a maior parte do trabalho é realizado pela família, os fatores de produção pertencem à família (algumas vezes, com exceção à terra) e são passíveis de sucessão em caso de aposentadoria ou falecimento dos gerentes (BLUM, 2001).

Lima et al. (1995) mencionam as unidades de produção familiares como aquelas unidades diferentes da empresa capitalista tradicional, pois, o modo de inserção no meio físico e socioeconômico, é para fins de reprodução social e subsistência, além de que estes produzem somente através da força de trabalho familiar.

De acordo com Gasson & Errington (1993) há seis elementos para uma definição mais detalhada sobre a agricultura familiar. São eles: 1) A gestão encontra-se nas mãos dos proprietários dos estabelecimentos; 2) Os proprietários do empreendimento estão ligados entre si por laços de parentesco; 3) É responsabilidade de todos os membros da família prover capital para o empreendimento; 4) O trabalho é feito pela família; 5) O patrimônio e a gestão do estabelecimento são repassados de geração a geração e; 6) Os membros da família vivem no estabelecimento.

Além das características já citadas um dos aspectos fundamentais da agricultura familiar é que o patrimônio e a gestão da propriedade são repassados de geração em geração (GASSON & ERRINGTON, 1993), ou seja, as propriedades são

passíveis de sucessão – condição em que um dos filhos assume o lugar do pai, em caso de aposentadoria ou falecimento dos gerentes (BLUM, 2001).

A agricultura familiar para Menegetti (2006) possibilita melhores condições de sustentabilidade e desenvolvimento por reunir uma estratégia de harmonia entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais. Dentro desta perspectiva são os jovens que permanecem no campo como agricultores ou como trabalhadores rurais que instigam a possibilidade de consolidação de um desenvolvimento rural mais sustentável.

1.2 Juventude rural

Segundo Patarra (2003) a potencialização do êxodo rural, iniciou-se a partir de 1960, onde produtores rurais migravam para cidades em busca de melhoria de vida. Em duas décadas (1960-1980), aproximadamente 27 milhões de pessoas deixaram o meio rural, e na década de 1990 foram os mais jovens que migraram para as cidades (homens entre 20 a 24 anos e as mulheres de 15 a 19), sendo as moças em maior proporção (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999). Já entre 1991 e 2000, foi possível constatar a saída de aproximadamente 4 milhões de pessoas (BELTRÃO et al., 2004).

Arias (1998) argumenta que os setores que mais ocupavam a mão-de-obra juvenil, em 1995, eram a agricultura e o setor de serviços. A agricultura detinha 4,2 dos 16,6 milhões de jovens brasileiros ocupados neste período, constituindo-se na principal fonte de trabalho deste grupo. Dos 4,2 milhões de jovens, 57,7% tinham entre 15 e 19 anos de idade e 73,5% eram homens. Mais importante ainda é a constatação de que 50,3% (2,1 milhões), se concentravam na região Nordeste, embora acumulasse 30,2% do total da ocupação nacional nessa faixa etária.

De acordo com o IBGE-PNAD (1995, apud ARIAS, 1998) o rendimento (em salários mínimos equivalente a 100,00, no ano de 1995) médio dos jovens de 15 a 24 anos ocupados na atividade agrícola, considerando o Brasil e a Região Sul mostram que o homens jovens recebem salários superiores às jovens mulheres.

A delimitação de jovem é entendida de diferentes maneiras, por exemplo, as Nações Unidas e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consideram como jovem aquela pessoa com idade dos 15 aos 24 anos. A Food and Agriculture Organization (FAO) leva em conta para programas de desenvolvimento com jovens a idade dos 10 aos 25 anos. Para Durston (1998) a faixa etária da juventude é um pouco mais ampla, dos 10 aos 29 anos.

Carneiro (1999) reconhece a dificuldade em delimitar, com rigor, uma categoria demográfica para definir a juventude e aponta que, muitas vezes, os jovens rurais passam despercebidos por essas categorias e são unicamente conhecidos como os filhos de agricultores.

Diversas pesquisas já identificam a grande saída dos jovens do meio rural, e explicam que, em grande parte dos casos esta saída está atrelada à busca de novas oportunidades, sendo estas para melhorar a performance profissional, seja através de novos empregos ou estudo (CARNEIRO, 2005). A questão central, como ressalta Silvestro e Cortina (1998), é a crescente vontade dos filhos e filhas em não reproduzir a ocupação dos pais. As conseqüências desta migração é a possibilidade de não sucessão entre as propriedades familiares e a maior acentuação da falta de mão de obra no campo.

A juventude rural emerge, no seio nuclear da família, conectada às manifestações e as expressões da sua convivência familiar e de tudo que as rodeia, seja no ambiente produtivo como também no âmbito sócio-cultural em que vivem. De uma outra forma, a juventude é constitutiva de uma sociedade que visualiza no jovem as perspectivas de futuro e de possíveis mudanças sociais (SPANEVELLO, 2003).

Vela (2001) define a juventude rural como:

É um período de vida humana onde estão entrelaçados os ciclos de ensino, de aprendizagem da provável ocupação futura, de formação cívica, de acesso à atividade produtiva, possuidora de uma predisposição para a atividade sócio-política, na procura de um melhor meio ou momento de incorporar-se à sociedade de uma forma independente (Vela, 2001, p.33).

Brumer et al. (2007) constatou em sua pesquisa que a chance da permanência dos jovens no meio rural estão atreladas à autonomia, ou seja, ser seu próprio patrão, a tranquilidade de viver no meio rural e estar entre a natureza. Rauber et al. (2009) comentam que um dos motivos dos jovens saírem do meio rural é pelo restrito grau de escolaridade que é oferecido nos pólos educacionais rurais

(normalmente vão até a oitava série) e devido a significativa distância dos centros urbanos. A decisão da migração dos jovens muitas vezes é contrária ao gosto dos pais, mas é entendida no fundo pela justa busca de conhecimentos. Sabe-se que nessa situação o jovem perde paulatinamente o contato com a sua origem rural.

O jovem tem assumido uma posição diferente, fruto de uma situação do mundo moderno, onde a globalização é um importante aspecto que ajudou e continua auxiliando para esta realidade. Vela (2001, p.33) define globalização como “um processo mediante o qual todas as regiões do mundo se integram e se relacionam através de práticas econômicas, políticas, sociais, culturais, informática e ambientais”.

Sabendo a dificuldade do jovem em permanecer no campo e a perspectiva cada vez menor destes em permanecer, fica claro que os que permanecem são os que tem capacidade de instigar a possibilidade de consolidação do desenvolvimento rural sustentável e produtivo, pois estes trazem consigo a relação com o meio, e o conhecimento, diferentemente dos jovens urbanos que não têm o mesmo contato com os recursos naturais e nem conhecimento da importância destes recursos para a sobrevivência do campo e da cidade (CARNEIRO, 2005).

No entanto, os jovens que permanecem no campo são em sua maioria homens, ocasionando dessa forma um desequilíbrio entre jovens do sexo masculino e feminino, ou seja, são as mulheres jovens as que mais migram. Este desbalanço faz emergir no meio rural um processo denominado masculinização do campo, e pelo fato da migração ser de pessoas mais jovens, o envelhecimento no meio rural se acentua cada vez mais.

De acordo com Beltrão et al. (2004) a predominância da faixa etária da migração feminina é dos 15-19 anos, implicando em uma proporção de jovens homens que passou de 1,0, em 1970, para 1,10 em 2000. Em contraponto, na cidade, observa-se uma feminização, permanecendo em 0,9 a razão de sexos no mesmo período. Várias são as condições que levam à masculinização rural, que por sua vez provoca o celibato, comprometendo a sucessão nos estabelecimentos rurais e a diminuição da mão de obra rural.

Camarano e Abramovay (1999) mostram que em 1996 a região mais masculinizada era a Centro-Oeste, com uma razão por sexo (nº de homens/nº de mulheres) de 1,21 e; as menos masculinizadas eram a Nordeste e a Sul. A região Sul, especificamente, era considerada a segunda menos masculinizada do País.

Entretanto, este cenário modificou-se rapidamente, no ano de 2000, quatro anos depois, a Região Sul é considerada a mais masculinizada do Brasil (ANJOS E CALDAS, 2005).

2 METODOLOGIA

A pesquisa está alicerçada na abordagem qualitativa e quantitativa. A abordagem qualitativa segundo Bauer e Gaskell (2002), é a que tem mais consistência, uma vez que a qualidade da pesquisa sobrepõe a quantidade, pois na pesquisa qualitativa é possível explorar todo o conteúdo e situação real de cada assunto pesquisado. No contexto descrito anteriormente, a ideia não é quantificar as respostas, mas sim avaliar a diversidade das expressões e compreensões sobre o tema proposto. Minayo (1994, p. 21) considera que o conjunto de dados quantitativos e qualitativos se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente possibilitando embasar as suas afirmativas e auxiliar na análise de seus resultados.

A amostragem da pesquisa foi não probabilística, ou seja, intencional, logo se trata de uma amostra direcionada “representativa” da população estudada (SORIANO, 2004, p.213). Lakatos e Marconi (1992) afirmam que a definição de uma amostragem só se dá quando não é uma pesquisa censitária, isto é, não abrange a totalidade dos componentes do universo.

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram: pesquisa bibliográfica e documental, questionário e entrevista semi-estruturada - englobando questões abertas e fechadas. Quanto à pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, estas são um tanto semelhantes. A pesquisa bibliográfica utiliza-se basicamente dos aportes dos vários autores sobre determinado tema, enquanto a pesquisa documental refere-se a materiais que não receberam tratamento analítico. Entretanto, as fontes de pesquisa documental são mais diversificadas e dispersas do que as da pesquisa bibliográfica.

As entrevistas semi-estruturadas e os questionários foram direcionados individualmente a dez jovens rurais do município de Quaraí que possuem origem agrícola. Para a seleção dos pesquisados, adotou-se a definição de jovem dada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) onde “jovem” é toda a pessoa que tem entre 15 e 24 anos. Essa amostra foi direcionada a jovens de diversas localidades do município, buscando-se também a variabilidade de

ocupação, sexo e idade, sempre objetivando uma variabilidade de opiniões, para mostrar a realidade da juventude.

O questionário foi composto por perguntas relacionadas às características pessoais e dados em geral. A entrevista continha perguntas centradas no ficar ou sair do meio rural e das perspectivas em seguir como trabalhador rural para aqueles que ainda estão neste meio; onde estas esclarecem sob o ponto de vista de cada um o porquê de continuar ou não trabalhando no meio rural; e vantagens e desvantagens relacionadas ao trabalho rural. No apêndice A e B é possível visualizar o modelo de roteiro de questionário e entrevista utilizados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo é apresentada primeiramente uma caracterização dos jovens entrevistados, suas características como idade, escolaridade, estado civil, dentre outras informações pertinentes, e após são analisadas as perspectivas dos jovens quanto a manutenção e trabalho no meio rural, bem como os principais fatores sociais e econômicos que estão relacionados à perspectiva dos jovens de não quererem se manter no campo, e se os jovens recebem apoio do núcleo familiar para permanecerem no campo.

3.1 Caracterização dos jovens entrevistados

Os jovens entrevistados são predominantemente do sexo masculino (80%) e com idade entre 16 e 24 anos (Gráfico 01). Relacionado ao estado civil, 40% são solteiros, 30% possuem namoradas (sendo estas oriundas do meio urbano), 20% tem uma relação de união estável e 10% são casados.

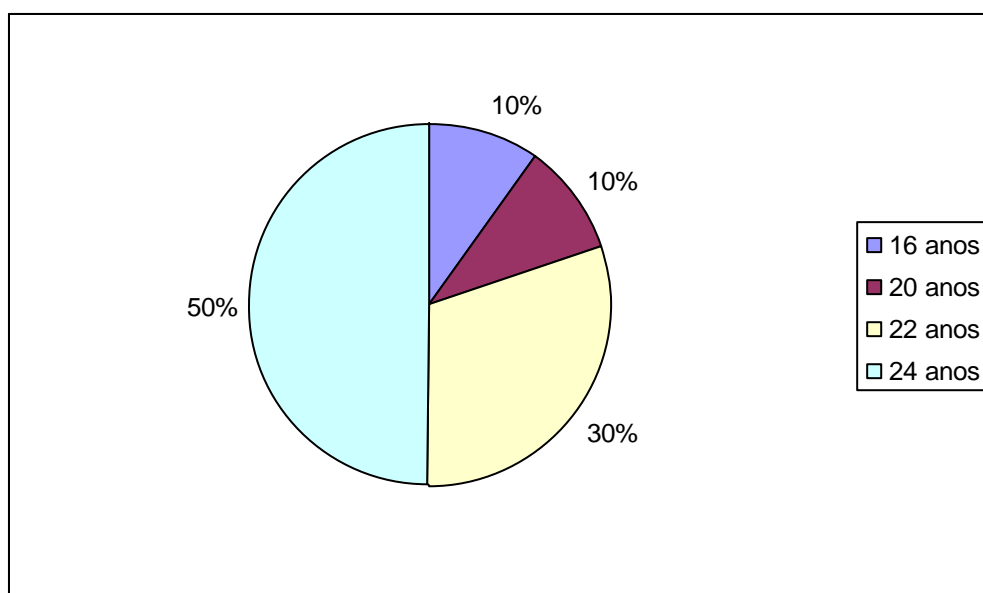


Gráfico 01 – Distribuição da idade dos entrevistados

Fonte: elaboração do autor (2011)

Quanto à escolaridade 30% possuem o ensino fundamental completo, 20% o ensino fundamental incompleto, 30% o ensino médio incompleto e 20% possuem curso técnico completo. Levando em conta que a maior proporção da idade dos entrevistados se dá com 22 e 24 anos, pode perceber que o grau de escolaridade destes é relativamente baixo. Conforme Silvestro et al. (2001), os jovens que permanecem no meio rural têm um baixo nível de escolaridade, o que atrapalha a sua atuação na atividade agrícola e sobretudo a organização e o desenvolvimento das novas atividades que se colocam para o meio rural.

A possibilidade de relacionamento com um (a) trabalhador (a) rural é visto como promissor para a grande maioria (90%). Segundo os jovens as justificativas são: a pessoa é do meio, já possui contato e sabe do cotidiano do rural, assim facilita a própria permanência no meio, podendo ajudar a crescer e; por não ter preconceito com esta questão.

A distância das propriedades que os jovens trabalham até suas residências (famílias) são bem variáveis - de 7 a 100 km, com média de 41,3 Km. Nessas propriedades são produzidos bovinos de corte e ovinos (corte e lã) predominantemente.

Os jovens tem como ocupação nas propriedades basicamente serviços (lidas) de campo em geral, e as duas jovens mulheres trabalhadoras rurais ocupam o cargo de cozinheira, ou melhor “domésticas rurais”. Quando se referimos a serviço de campo, significa que há um total envolvimento destes jovens em cuidar dos animais produzidos na propriedade em que trabalham, uma vez que são elementos que participam da rotina da fazenda. Na prática esta rotina consiste em, recorrer a cavalo os campos para monitoramento (camperear), tratar algum animal enfermo, ordenhar vacas, arraçoar animais que necessitem de uma dieta diferenciada, entre outras.

O lazer é muitas vezes considerado um dos limitantes para a permanência dos jovens no meio rural, assim sendo, dentre os espaços de lazer das localidades que os jovens fazem parte, o salão de festas e o campo de futebol são os mais expressivos, representando 70%. O Centro de Tradições Gaúchas (CTG) faz parte de 40% das localidades, e um dado marcante é que em 30% não “existe” nenhum espaço de lazer.

A participação destes jovens em organizações é pouco expressiva, 60% dos entrevistados não participam de nada. A organização mais citada foi a participação em CTG/Piquete com 20% e 10% grupo de jovens. Alguns dados se assemelham

quando se tratam da participação dos jovens em organizações, com o estudo de Azevedo (2010a) e o estudo de Brumer e Spanevello (2008) onde 38% e 22,2% dos jovens pesquisados não participam de nada, respectivamente.

Observa-se a não participação dos jovens em organizações que não possuem relação direta com o meio rural, como: partidos políticos, movimentos sociais e ONGs. Carneiro (2005) em sua pesquisa também conclui que uma grande parte (81%) dos jovens rurais analisados nunca participaram de associações ou grupos comunitários, reuniões de movimentos sociais e partidos políticos, isto porque avalia que há falta de uma organização da sociedade civil específica para os jovens, tanto do meio rural como da cidade.

Nos momentos de “folga” que quase sempre se detém nos finais de semana, o que os jovens mais apreciam fazer são: passear na cidade, ir a rodeios e festas campeiras, ir a bailes, escutar música, jogar bola, ler e estudar novidades (Gráfico 02). Percebe-se que o maior percentual está relacionado com atividades “tradicionalistas” citados pelos jovens do sexo masculino, já as duas jovens entrevistadas colocam o passeio na cidade como o que mais gostam de fazer nos momentos de lazer. As diferenças nas atividades realizadas nos momentos de lazer são visualizadas de acordo com a região da pesquisa, como exemplo, os jovens aqui pesquisados que estão inseridos na região da Campanha preferem opções voltadas ao próprio meio em que vivem, já os jovens do Norte do Estado preferem jogos, saída com os amigos, assistir TV ou escutar música, ler, caminhar... englobando atividades que não necessariamente se remetem ao rural (AZEVEDOa, 2010; CARNEIRO, 2005).

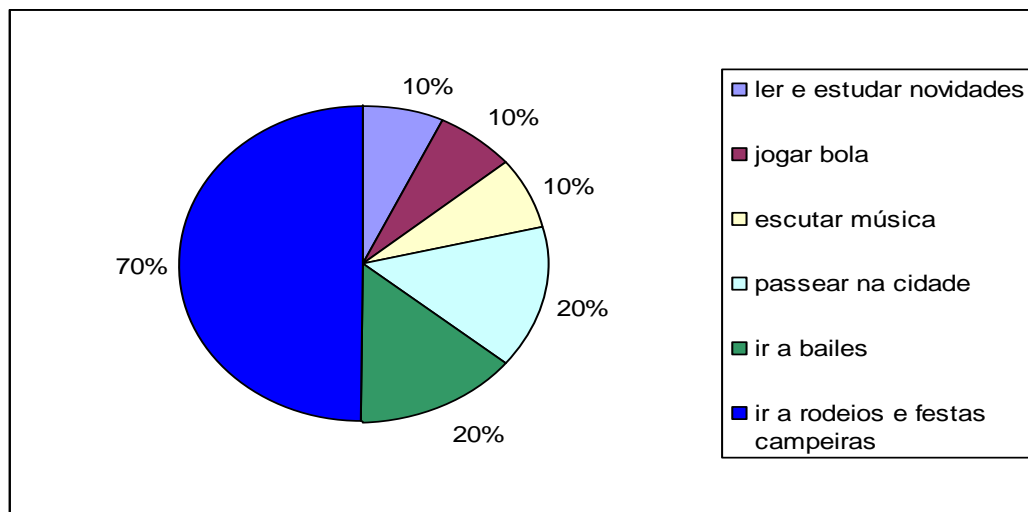


Gráfico 02 – Distribuição das atividades que realizam nos momentos de lazer (mais de uma resposta por entrevistado)

Fonte: elaboração do autor (2011)

3.2 Perspectivas quanto à manutenção e trabalho no meio rural

As perspectivas de continuidade no meio rural, bem como, o seguimento na ocupação de trabalhador rural, são pontos de extrema importância para poder analisar a questão do êxodo rural e o seu maior efeito: falta de mão de obra no campo.

Conforme os jovens as possibilidades de seguirem no meio rural (Gráfico 03), não são vistas como precursoras para 60%. Os motivos centram-se em no fato de visualizarem melhores expectativas e oportunidades de vida na cidade, tendo em vista que podem crescer profissionalmente, o que dificilmente seria possível enquanto trabalhador rural, e porque na grande maioria a própria propriedade familiar não dá condições para tal permanência. Apenas 40% pretendem permanecer no campo, pois encontram ao contrario dos que querem sair, possibilidade de crescerem e se manterem como pessoas íntegras, conciliando o mundo tecnológico com a realidade rural, que os confere possibilidade de estarem fazendo o que realmente gostam de fazer em um direto contato com a natureza.

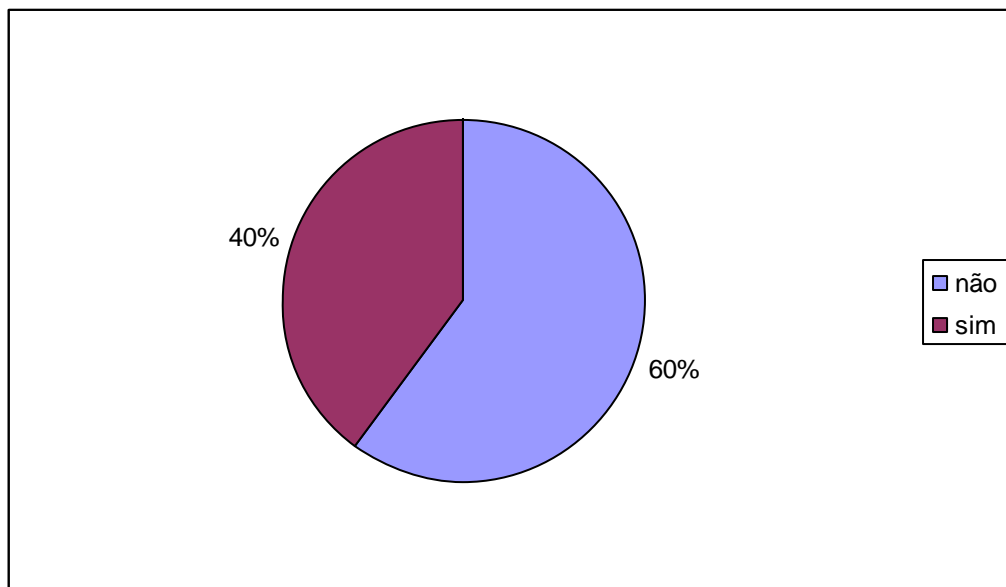


Gráfico 03 – Perspectivas dos jovens de seguirem no meio rural

Fonte: elaboração do autor (2011)

De certa maneira os resultados expressos sobre as possibilidades de continuidade no meio rural, influenciam diretamente nas perspectivas de seguir na ocupação agrícola (Gráfico 04). Sendo assim, estas perspectivas se igualam aos dados anteriores.

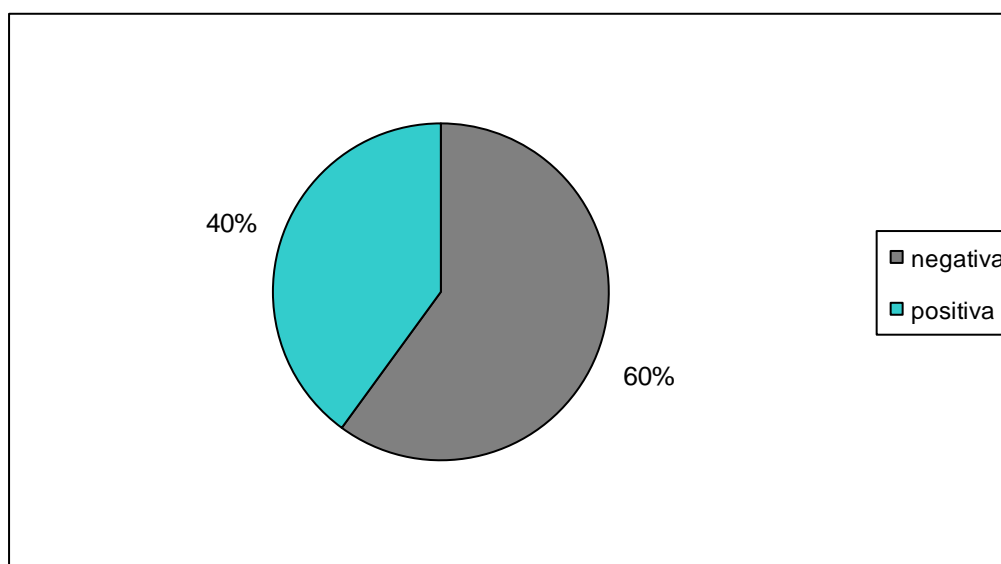


Gráfico 04 – Possibilidades dos jovens seguirem na ocupação agrícola

Fonte: elaboração do autor (2011)

Menos da metade (40%) dos jovens pretendem continuar trabalhando no meio rural, enquanto o restante acredita na possibilidade de ir para a cidade conseguir um emprego. As justificativas centram-se em: querer outra profissão, cursar um técnico e ser comerciário e para uma das jovens a intenção de sair é para levar os filhos para concluírem os estudos – o que não é possível na localidade que reside, e então conseguir um emprego urbano para não ficar desempregada.

Diante disso, as implicações que o êxodo de jovens rurais pode vir a acarretar é a acentuação da falta de mão de obra no campo, como também uma preocupação em relação à constituição de famílias no meio rural do Município em estudo. Pois, como os que migram são principalmente jovens, e especialmente mulheres, acaba por corroborar com a masculinização e o envelhecimento no meio rural.

Assim, o caráter seletivo do êxodo, que leva cada vez mais moças a deixarem o campo, com escassas possibilidades de retorno das mesmas ou da vinda de moças do meio urbano para residir no meio rural, é um fator de extrema importância que deve ser destacado. Verifica-se no presente estudo que as duas jovens entrevistadas pretendem sair do meio rural, corroborando com a ideia acima apresentada.

Dessa forma, a maior migração das mulheres desequilibra a relação entre rapazes e moças, acarretando maior proporção de homens solteiros, constituindo a masculinização do campo, conforme já mencionado. Para Bourdieu (2000) a saída das moças ocorre devido à desvalorização da atividade agrícola pela sociedade, pelo desencanto das mulheres pela condição de esposas de agricultores e pela falta de interesse em permanecer no meio rural.

Dados de Rauber (2010) revelam que nas Regiões da Campanha (onde o Município de estudo se insere), Litoral Sul, Serra do Sudeste e Campos de Cima da Serra tiveram aumento significativo nos índices de masculinidade durante os anos de 1950 à 2006, sendo que na Campanha e no Litoral Sul já apresentavam a tendência em 1950 e as demais as desenvolveram posteriormente. Em todas estas regiões a pecuária de corte apresenta-se como atividade predominante, em sistemas de produção extensivos, de baixa necessidade de mão-de-obra por unidade de área e com a propriedade da terra historicamente bastante concentrada, com presença representativa da categoria patronal e trabalho assalariado.

Por mais que a necessidade de mão de obra por unidade de área seja baixa, o que preocupa no Município de Quaraí é a falta desta mão de obra, que pode ser

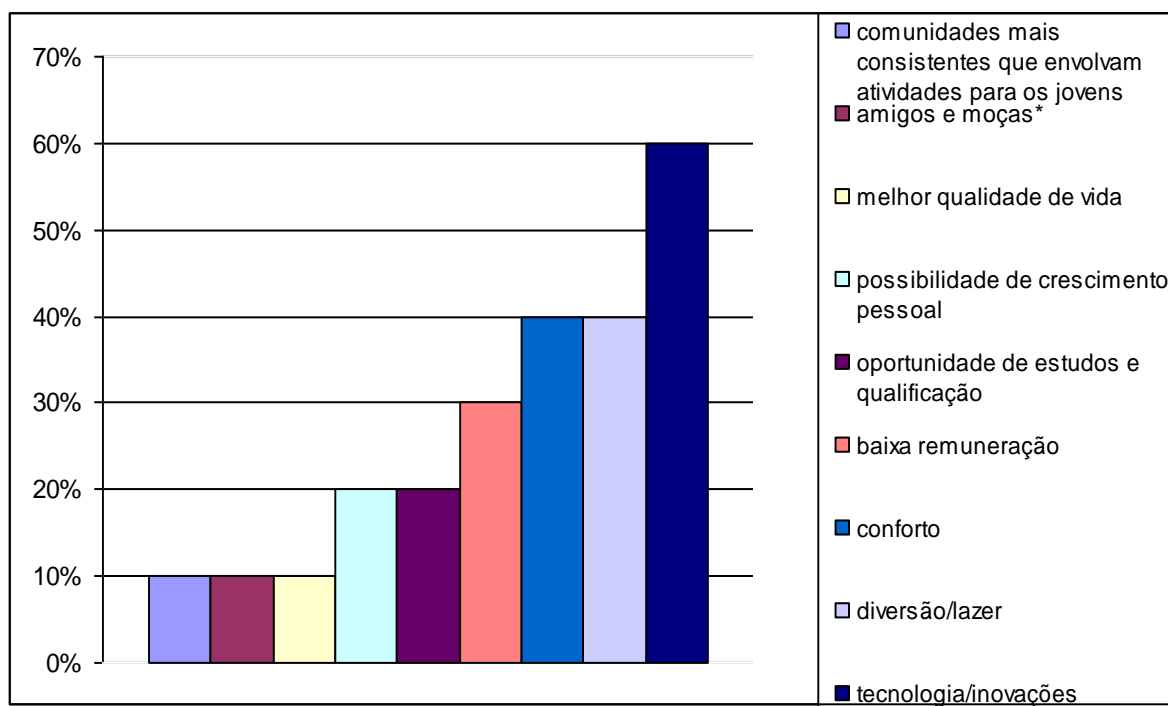
visualizada através de conversas com os próprios proprietários de estabelecimentos agropecuários, no qual apresentam dificuldades em contratar trabalhadores rurais, e também podemos nos basear nos dados da presente pesquisa onde 60% dos entrevistados não tem pretensão de continuar com ocupação agrícola.

A grande maioria dos jovens, representando 70%, foram incentivados a saírem do meio rural, pois segundo eles, os pais apoiam o seguimento dos estudos e visualizam que assim eles teriam melhores condições e oportunidades na cidade. Somente 20% tiveram incentivo a permanência, isto porque os pais acreditam que no meio rural é mais seguro e sabem o quanto os filhos gostam da vida de campo. Um dos jovens (10%) aponta que nunca se falou sobre esse assunto na família.

Percebe-se que boa parte dos pais são apoiadores que os filhos migrem, pois muitos não querem que os filhos passem pelo mesmo que eles passaram. Os pais acreditam que na cidade os filhos têm mais possibilidades, com isso entusiasmam os filhos a migrarem. Subliminarmente fica a questão de *status*, pois os pais acreditam que trabalhador rural tem uma posição social inferior a urbana, isto talvez por conta da tecnologia da cidade proporcionar uma visão mais sistêmica da realidade, o que pode ser confundido com “ser melhor”. Ainda os jovens colocam que os pais não incentivam a permanência, pois consideram a atividade agrícola penosa e difícil, e que submete o trabalhador rural ao calor e ao frio e a arranjos de trabalho pouco cômodo.

Azevedo (2010b) observou em estudo com pecuaristas familiares do Território do Alto Camaquã (Bagé, Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Pinheiro Machado, Piratini e Santana da Boa Vista) que 27,78% dos pais incentivam os filhos a não migrarem para o meio urbano, tentando garantir a sua permanência no meio rural. E, 72,22% são neutros nessa questão, ou seja, não são nem a favor e nem contra a saída dos filhos e preferem que os filhos escolham, afirmando que o que os filhos decidiram estará bom.

No gráfico 05, a seguir, constam os fatores que na opinião dos pesquisados faltam no meio rural para contribuir com a permanência no meio. A dificuldade em acessar tecnologias e o menor contato com as mesmas e as inovações são apontados como um dos fatores em maior percentual (representando 60%), com 40% é mencionado a falta de lazer/diversão e conforto. Os demais fatores mencionados em menor proporção podem ser visualizados abaixo.



* Resposta dada por um jovem do sexo masculino

Gráfico 05 - Fatores que na opinião dos pesquisados, faltam no meio rural para fazer com que o jovem permaneça neste espaço.

Fonte: elaboração do autor (2011)

Conforme os jovens, se estes fatores fossem vistos pelos órgãos responsáveis pelo desenvolvimento do meio rural com mais “rigor”, certamente iria minimizar o êxodo, acarretando assim, a uma maior disponibilidade de mão de obra no campo. Este rigor seria através de políticas públicas, projetos, cursos, atividades, que de certa forma ajudariam a preencher lacunas consideradas inferiores quando comparadas as cidades.

Na mesma linha em que os jovens argumentam Cassol (1984) avalia que a necessidade de conscientização das partes político-partidárias é essencial para que se possa organizar um plano global, e o mais importante que este plano seja sem paternalismo e sem demagogia. O ideal é a busca por caminhos que consigam dar “rumo” à soluções urgentes, evitando dessa forma o desenraizamento das futuras gerações da terra familiar, do meio em que vivem, o que conceberia o caos de uma Nação em desenvolvimento, tendo sua economia e a sua salvação justamente na produção agropecuária.

Políticas deveriam e devem afrontar a problemática dos jovens em todos os seus elementos e com uma perspectiva de conjunto, no marco das estratégias globais de desenvolvimento. Para isso, devem-se seguir alguns eixos – específicos para responder com exatidão as inúmeras problemáticas, sem projetos preconcebidos; concentradas: no sentido de unir todos os atores importantes; descentralizadas: para atingir os esforços de um plano local; participativas, para a integração dos jovens; e seletivas: envolve o enfoque em relação aos jovens urbanos e rurais, em particular as mulheres jovens (RODRÍGUEZ, 1993 apud REDIN, 2008).

Dessa maneira, segundo Silvestro et al. (2001, p.22) “é necessário uma inovação na política fundiária brasileira que abra caminho para que milhares de jovens agricultores possam realizar suas vocações e desejos profissionais”. Essa inovação seria o maior acesso do morador rural quanto à: distribuição de terras; crédito agrícola; infra-estrutura; educação; capacitação e assistência técnica; lazer; etc.

No entanto, como coloca Wesz Junior et al. (2006, p.4)

acusar somente as faltas de ações governamentais não basta, pois é explícito que a modernização de sua agricultura aliada as classes que detiam maiores quantidades de terra foi, sem dúvida, um fator importantíssimo para a exclusão dos pequenos agricultores de seus sistemas produtivos, de sua área, enfim, e como acima ressaltado, estes indivíduos foram excluídos do campo. Vale ressaltar ainda, que outros fatores auxiliaram neste êxodo, tais como: as tecnologias cada vez mais automatizadas que cada vez menos abrigavam mão-de-obra; as monoculturas que uniformizaram as produções e subordinaram os agricultores as indústrias de insumos e genética; o endividamento frente aos bancos, sendo que teve-se que entregar seus bens para quitar tais obrigações; a globalização que tornou-o vulnerável a flutuações internacionais e incrementou a dependência tecnológica consorciado com o aumento dos custos de produção que acarretam, principalmente para os pequenos, a diminuição da renda ou, até mesmo, o endividamento destes; a abertura de novas fronteiras agrícolas ou de trabalho (WESZ JUNIOR et al., 2006, p. 4).

O gráfico 06 mostra a questão que levaria os entrevistados a permanecer no meio rural, considerando tanto os que pretendem sair como os que querem ficar. Contrariamente o que os levaria a não permanecer seria a possibilidade de uma melhor oportunidade de emprego na cidade e um maior desenvolvimento pessoal (60%), desentendimento ou desacerto com os colegas de trabalho (10%), pouca qualificação (10%) e estudo (10%).

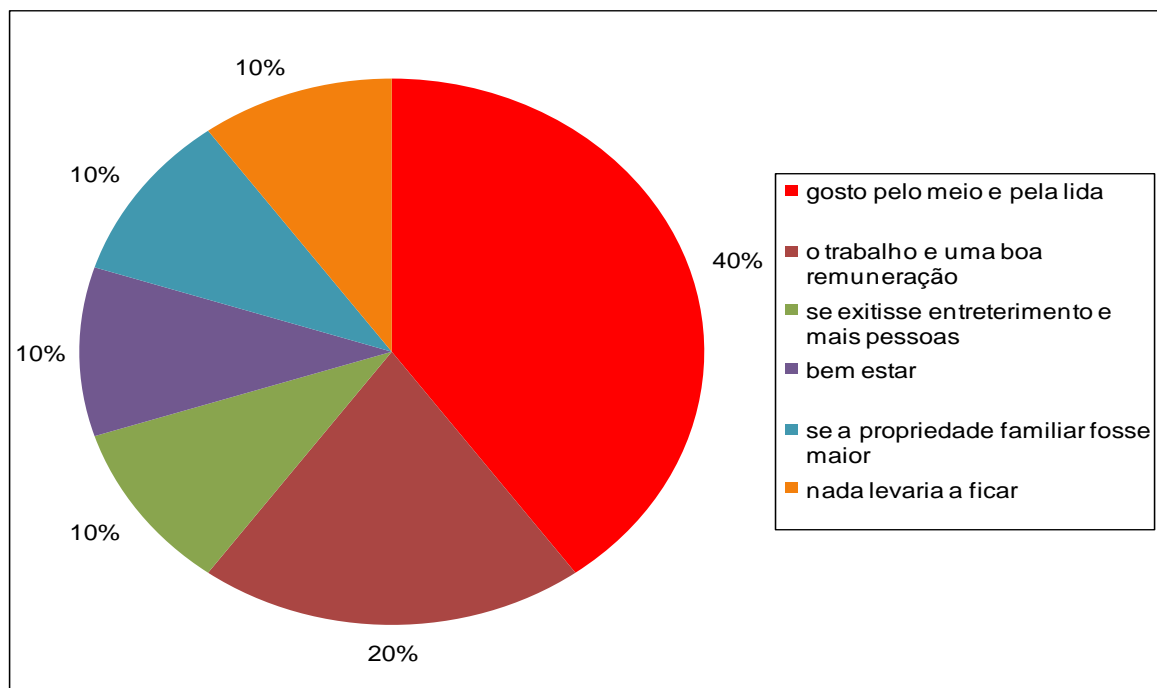


Gráfico 06 – O que levaria os jovens a permanecerem no campo

Fonte: elaboração do autor (2011)

Levando em conta as deficiências especificamente das propriedades familiares dos jovens, estes foram questionados sobre o que poderia melhorar para colaborar para a sua continuidade no meio rural, nesse sentido as respostas giram em torno de 3 aspectos: extensão de campo, conforto (luz, televisão, colchão, dentre outros elementos), tecnologia e informatização, representando 50%, 40% e 10%, respectivamente. Observa-se a importância que a quantidade de terra (campo) ocasiona, pois estes jovens são oriundos de pequenas propriedades, então a ocupação/trabalho fora da propriedade é uma estratégia para poder se manterem e ajudarem na sobrevivência de uma forma geral da família. Possivelmente, as pequenas propriedades não suportam a permanência de mais de um filho, ou até mesmo de nenhum dos filhos, fazendo assim, com que cada um busque uma maneira de se sustentar.

Graziano da Silva (1998) acredita que as cidades passaram a ser para os jovens do campo uma esperança de acesso a saneamento, água encanada, luz elétrica, saúde, creche e escolas de que no meio rural não dispõe.

Segundo os entrevistados as vantagens de ser trabalhador rural é você sempre ter trabalho certo (devido a falta de mão de obra no campo, sempre tem

trabalho disponível); não gastar em supérfluos; ter remuneração completa no final do mês (salário efetivo) e não ter despesas durante a semana (pois residem na propriedade que trabalham); baixo custo de vida (pois como os jovens são filhos de agricultores familiares a produção na propriedade é basicamente para subsistência, sendo assim o custo de vida é menor quando comparado à cidade); facilidade de prosperar; seguros e leis trabalhistas. Grande parte diz ser a tranquilidade uma das vantagens em morar no meio rural, posteriormente citam o ar puro; o contato com a natureza; a segurança e a simplicidade; viver em liberdade; não estar exposto aos consumismos da cidade (então consegue guardar mais dinheiro); não precisar comprar verduras e/ou legumes sabendo a procedência e a qualidade, pois a produção desses é realizada pela própria família e dificilmente ocorre a compra desses produtos fora da propriedade.

Por outro lado, muitos citam como desvantagens de trabalhar no meio rural a ideia de que não sabem fazer outra coisa; a menor possibilidade de oportunidades quando comparado a um trabalhador urbano; a distância dos centros urbanos; passar bastante tempo longe da família e longe das novidades e inovações; dificuldade em acessar as tecnologias; rotina, juventude passa mais rápido, por começar a trabalhar mais cedo e por passar envolvido com o trabalho e; pouca oportunidade de adquirir conhecimento. Já as desvantagens de morar no meio rural se baseiam em 2 condições: condições do próprio meio rural (distância até a cidade/grandes centros, dificuldade de acesso a informatização e outras tecnologias, poucas formas de lazer/diversão, má conservação de estradas, menor acesso à saúde) e as condições da própria propriedade (falta de conforto, pequena extensão de terra). As vantagens e desvantagens de ser trabalhador e de residir no meio rural, podem ser mais bem visualizadas no quadro 01 abaixo.

Por fim, os jovens argumentam que fariam investimentos, se tivessem possibilidades, principalmente, em áreas de campo, para pecuária de corte e para proporcionar que toda família pudesse trabalhar, e uma das jovens gostaria de investir em uma chácara para lazer.

	Trabalhador rural	Meio rural
Vantagens	trabalho certo	tranquilidade, ar puro
	não gastar em supérfluos	contato com a natureza
	ter remuneração completa no final do mês (salário efetivo)	segurança e simplicidade
	baixo custo de vida	viver em liberdade
	facilidade de prosperar	não estar exposto aos consumismos da cidade
	seguros e leis trabalhistas	não precisar comprar verduras/legumes e saber a procedência e a qualidade desses
Desvantagens	não saber fazer outra coisa	distância até a cidade/grandes centros
	menor possibilidade de oportunidades	dificuldade de acesso a informatização e outras tecnologias
	distância dos centros urbanos	poucas formas de lazer/diversão
	passar bastante tempo longe da família e longe das novidades e inovações	má conservação de estradas
	dificuldade em acessar as tecnologias	menor acesso à saúde
	rotina	falta de conforto
	juventude passa mais rápido	pequena extensão de terra

Quadro 01: Vantagens e desvantagens de ser trabalhador rural e residir no meio rural

CONCLUSÕES

De acordo com o objetivo principal proposto de analisar as perspectivas que os jovens rurais do município de Quaraí/RS possuem quanto à sua manutenção e as suas atividades de trabalho no campo, ficou constatado que menos da metade dos jovens entrevistados (40%) tem perspectiva de permanência no meio rural, isto vinculado ao gosto pela lida campeira e pelo meio em que vivem. Neste aspecto com certeza o alicerce é a cultura gaúcha do pampa, que tem em seus princípios o gosto pelo cavalo e pelas lidas campeiras, que independente da modernização ainda se movimenta e está presente aqui em nosso meio.

Entretanto, os 60% restantes acreditam que terão melhores oportunidades de vida se migrarem para a cidade, isto apenas confirma o êxodo desses jovens, pois na cabeça destes jovens o meio rural não os confere uma garantia de futuro, visto que a crença em conseguir um emprego na cidade, se inserir em um curso técnico e buscar estudos para os filhos, são muitas vezes escusas para saírem do meio rural.

Um fator com grande importância para a permanência ou não no campo está relacionado ao incentivo do núcleo familiar. A grande maioria dos jovens (70%) recebe estímulo para migrarem, pois os pais apóiam o seguimento dos estudos e visualizam que assim eles terão melhores condições e oportunidades na vida.

O perfil dos jovens entrevistados quanto à idade, sexo e escolaridade correspondem a 16 a 24 anos, sendo que metade dos jovens apresenta 24 anos; há predominância do sexo masculino e quanto à escolaridade levando em conta a idade percebe-se que o grau de escolaridade é relativamente baixo.

De acordo com os entrevistados as vantagens do trabalho no campo, se baseiam em não ter despesas extras (pois residem na propriedade que trabalham) e ter um baixo custo de vida (pois produzem para subsistência). Relacionado à manutenção no campo as vantagens estão ligadas a fatores como tranquilidade, simplicidade e liberdade.

Diante disso, as implicações que o êxodo de jovens rurais acarreta é a acentuação da falta de mão de obra no campo, como também uma preocupação em relação à constituição de famílias no meio rural do Município em estudo. Como os que migram são principalmente jovens, e especialmente mulheres, acaba por corroborar com a masculinização e o envelhecimento no meio rural.

O futuro é uma grande incógnita, mas é muito importante e necessário a realização de uma análise e destinar um empenho nas políticas públicas, para evitar que em breve essa falta de mão de obra no campo possa gerar um grande desabastecimento, visto que apesar da mecanização e da automação o homem ainda continuará sendo o principal elemento dentro do contexto do agronegócio.

A realização deste trabalho permitiu constatar de forma científica, que a falta da mão de obra rural é fruto de um êxodo e de uma desestruturação do meio rural, portanto vale ressaltar que é necessário reverter esse quadro, sob pena do comprometimento deste setor que é responsável pela produção de alimentos.

É importante esclarecer que por, não existir nenhum trabalho em nossa realidade sobre este tema específico, este trabalho deve ser encarado como um marco inicial, pois se permitiu sair da inércia e ter algo estruturado para que sem dúvida possa dar origem a novas pesquisas fazendo que se aprofundem nossos conhecimentos.

O trabalho atingiu os objetivos propostos, pois foi possível visualizar com clareza a situação real do que acontece com os jovens rurais em Quaraí. A metodologia ficou de acordo e de forma muito consistente deu suporte para a realização do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios a extensão rural. Brasília. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 15, n.1, 1998, p.132-152.

ANDREATTA, T. **Bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul**: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas. 2009. 241f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2009.

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. **O futuro ameaçado**: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. In: Ensaio FEE, Porto Alegre: FEE, v.26, n.1, p.661-694, jun.2005.

ARIAS, A. R. Avaliando a situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho dos jovens entre 15 e 24 anos de idade na presente década. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, Vol. 2. 1998. p.519- 41.

AZEVEDO, L. F. de. **Concepções e práticas ambientais**: um estudo com jovens rurais da Escola Estadual Técnica Fronteira Noroeste/Santa Rosa – RS. Monografia (Trabalho de Conclusão em Zootecnia). Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/CESNORS. 54 p. 2010a.

_____. **Relatório de Estágio Curricular Supervisionado em Zootecnia Área: Desenvolvimento rural**. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/CESNORS. 53 p. 2010b.

BAENINGER, R. **Juventude e movimento migratório no Brasil. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

BAUER, M, W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático (trad. Pedrinho A. Guareschi). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2002, p. 68.

BELTRÃO, K. I. et al. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004 (Texto para Discussão, nº 1034). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/2004/td_1034.pdf>. Acesso em: 03 junho. 2011.

BLUM, R. Agricultura familiar: estudo preliminar da definição, classificação e problemática. In: TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. 3ª edição, Passo Fundo: Editora da UPF, 2001, p.57-104.

BOLDRINI, I. I.; FERREIRA, P. M. A.; ANDRADE, B. O.; SCHNEIDER, A. A.; SETUBAL, R. B.; TREVISAN, R.; FREITAS, E. M. **Bioma Pampa: diversidade florística e fisionômica**. Editora Pallotti, Porto Alegre. 2010.

BOURDIEU, P Reprodução proibida: A dimensão simbólica da dominação econômica. In: **O campo econômico: A dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papyrus, 2000.

BRUMER, A. et al. **Como será o campo amanhã: A situação dos jovens rurais do oeste catarinense, numa perspectiva de gênero**. Porto Alegre: UFRGS. 2007. Relatório de Pesquisa.

BRUMER, A.; SPANEVELLO, R. M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS; Chapecó: Fetraf-Sul/CUT, 2008. Relatório de Pesquisa.

CAMARANO, A. A; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro. IPEA, 1999 (Texto para discussão nº 621). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/td_0621.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2011.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: SILVA, F. C. T (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus. 1999. p. 97-117.

_____. Juventude Rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). 2005. **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma perspectiva nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania. 2005. p. 243-261.

CASSOL, A. L. **Êxodo Rural: Colonização e Ecologia**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

DIEESE. DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS ECONÔMICOS. 2009. Disponível em : < <http://www.dieese.org.br/> >. Acesso em: 25 de junho de 2011.

EMATER RS. **Caracterização do pecuarista familiar da extensão rural no Rio Grande do Sul com vistas às ações para o desenvolvimento rural sustentável.** Porto Alegre: EMATER RS. 2000. 43 p.

EMATER RS. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/area/pecuaria.php>>. Acesso em: 16 de maio de 2011.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The Farm Family Business.** Wallingford: CAB International, 1993.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira.** Campinas: UNICAMP. IE, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo da população, 2000.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

_____. **Censo agropecuário de 2006.** Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/familia_censoagro2006.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

_____. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=3107&z=cd&o=3&i=P>>. Acesso em: 30 julho 2011.

_____. **Cidades.** Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=431530#>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** São Paulo: Atlas. 1992.

LIMA, A. P., et al. **Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores.** Ijuí: Editora Unijuí, 1995.

MENEGETTI, G. A. **Desenvolvimento, sustentabilidade e agricultura familiar.** Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/digital/art18.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2011.

MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 21.

NAVARRO, Z. (2001) “**Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**”. Derad003 Curso PLAGEDER, material didático, módulo 3, s/d. Disponível em: <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=4716>, Acesso em: 28 de março de 2011.

PATARRA, N. L. (2003) “**Movimentos Migratórios no Brasil: Tempo e Espaço**”. Derad003 Curso PLAGEDER, material didático, módulo 3, s/d. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=4717>>. Acesso em: 28 de março de 2011.

RAUBER, C. da C.; SÁ BRITO, A. N.; DENARDIN, I. T.; RAUBER, M. A. O esvaziamento do pampa gaúcho: uma análise a partir do envelhecimento e da masculinização rural na APA do Ibirapuitã. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009.

RAUBER, C. C. **Masculinização da população rural no Rio Grande do Sul - análise a partir dos sistemas agrários**. 2010. 115f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

REDIN, E. et al. O jovem rural, perspectivas e desafios no enfrentamento ao êxodo: o caso da Associação da Juventude Rural de Arroio do Tigre AJURATI. In: Michele de Lavra Pinto; Janie K. Pacheco. (Org.). **2º Encontro Juventude, Consumo & Educação**. Porto Alegre: Núcleo de Editoração e Criação - Gráfica UFRGS, 2008, v. 2, p. 113-129.

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 41.

SILVA, J. G. da. **O Progresso Técnico na Agricultura**. Material de apoio da disciplina DERAD 0012. Disponível em: <https://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/7895/GRAZIA_PROGRESSO_TECNIC.pdf>. Acesso em: 28 de março de 2011.

SILVESTRO, M.; CORTINA, N. Desenvolvimento rural sem jovens? **Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v.11, n.4. 1998. p. 5-8.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SIMÕES, D. Comunicação Pessoal. 2009.

SORIANO, R. R. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes. 2004. p. 213.

SPANVELLO, R. M. **Jovens rurais do município de Nova Palma – RS: situação atual e perspectivas**. 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

VELA, H. O novo perfil do jovem rural. Rio de Janeiro. **Marco Social**. 2001. p. 32 – 37.

WESZ JUNIOR, V. J., et al. Os novos arranjos do exôdo rural: a evasão temporária de jovens agricultores familiares gaúchos. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, p. 4. 2006.

APÊNDICE A - Roteiro do questionário aplicado aos jovens rurais

Pesquisa relacionada às perspectivas dos jovens rurais do Município de Quaraí/RS quanto à manutenção e trabalho no meio rural

Nome: _____

Localidade: _____

1. Idade: _____

2. Sexo: () feminino () masculino

3. Estado civil: () solteiro (a)

() tem namorado (a), este é () rural () urbano

() casado (a)

() divorciado (a)

() viúvo (a)

() união estável

4. Tem filhos? () sim, quantos? _____

() não

5. Existe a possibilidade de casar-se com um (a) trabalhador (a) rural:

() sim

() não

Justifique: _____

6. Grau de escolaridade:

() básico incompleto () básico completo

() médio incompleto () médio completo

() superior incompleto () superior completo

() curso técnico incompleto () curso técnico completo

7. Se possui irmãos, quantos são: _____, sendo _____ irmãos e _____ irmãs.

8. Qual a distância (Km) da propriedade que trabalha até a cidade:_____

9. O que é produzido na propriedade que trabalha:

() milho () arroz () hortifrutigranjeiros () leite, queijo, iogurte e outros

() bovinos () ovinos () aves () lã

10. Quais espaços de lazer possuem na localidade (familiar) que você mora:

() salão de festas () local com computador para acessar internet () CTG

() academia de ginástica () cancha de bochas () quadra de futebol () quadra de vôlei () não participo de nada () outros, quais?_____

11. Você participa de:

() grupo de jovens () movimentos sociais () partidos políticos

() associações ou ONGs () cooperativa (s) agropecuárias () sindicato dos trabalhadores rurais () CTG e/ou Piquetes () não participo de nada () outros, quais?_____

12. O que mais gosta de fazer no momento de lazer?

APÊNDICE B - Roteiro da entrevista aplicada aos jovens rurais

Perspectivas quanto à manutenção e trabalho no meio rural

1. Pretende ficar ou sair do meio rural? _____

Por quê? _____

2. Pretende seguir como trabalhador (a) rural? _____

Se **NÃO**, qual ocupação pretende seguir fora do meio rural? _____

3. Na sua opinião, o que falta no meio rural para fazer com que o jovem permaneça no campo?

4. O que levaria você a permanecer no meio rural?

5. O que levaria você a não permanecer no meio rural?

6. O que falta na propriedade que você mora, para ajudar você a permanecer no meio rural?

7. A sua família incentiva/incentivou você a ficar ou sair do meio rural: _____

Por quê? _____

8. Na sua opinião, responda:

a) Quais as vantagens de:

* ser um trabalhador rural

* morar no meio rural

b) Quais as desvantagens de:

* ser um trabalhador rural

* morar no meio rural
